

AULA DE ALEMÃO

de P. R. BERTON

Wollen

**Ich will dir Abschied geben,
du arge, falsche Welt;
dein sündlich böses Leben
durch aus mir nicht gefällt.**

1

Na sala de um apartamento no bairro Floresta, em Porto Alegre.

RITA – Me desculpa eu estar assim, desse jeito.

A – A senhorita está muito bem.

RITA (*sem jeito*) – Obrigada. O senhor quer beber alguma coisa antes de...

A – Obrigado.

(*Pequena pausa.*)

RITA (*com dúvida*) – Quer? Eu nunca entendo quando as pessoas respondem obrigado.

A – *Nein, danke.*

RITA (*rindo aliviada*) – Ah, isso eu entendi. Morrer de fome na Alemanha eu não vou.

A – Disso ninguém morre na Alemanha.

RITA – É por isso que eu quero me casar com um alemão.

(*Pequena pausa.*)

RITA – É só uma brincadeirinha. O seu nome é...?

A (*consultando seu relógio de pulso*) – Podemos começar?

2

Na sala de um apartamento no bairro Moinhos de vento, em Porto Alegre.

GOTTLIEB – *Wollt Ihr anfangen?*

B – Impressionante!

GOTTLIEB – O que?

B – Eu só lhe dei três aulas até hoje e a sua pronúncia é excelente. E mais, o senhor conjuga o pronome vós com uma facilidade que eu nunca tinha visto em nenhum aluno do nível em que o senhor se encontra.

GOTTLIEB – A senhora está querendo ser gentil comigo.

B (*com humor , apontando para Gottlieb*) – Não, é o senhor que está me enganando, dá pra ver pelo seu nome.

GOTTLIEB (*ríspido*) – O que a senhora está querendo insinuar?

B (*assustada*) – Perdão, eu não tinha a intenção de...

(*Pequena pausa.*)

GOTTLIEB – Não, fui eu que me exaltei.

(*Pequena pausa.*)

GOTTLIEB (*um pouco envergonhado*) – Onde foi que a gente parou?

3

Na sala de um apartamento no bairro Jardim São Pedro, em Porto Alegre.

ANETE – Não foi nada, é só passar um paninho na mesa.

C – Eu não queria deixar transparecer que era a minha primeira aula , mas não deu.

ANETE (*limpando a mesa*) – Mas tu nunca tinha dado aula de alemão antes? Eu já tô acostumada com esse sistema de rodízio de professores de vocês. Coloca ali essas fotos pra mim, faz favor. Cada dia vem um diferente. Tem uns que eu nem me lembro mais

C (*nervosa*) – Sujei as tuas fotos?

ANETE – Acho que não.

(*Anete olha em volta procurando um lugar para largar o pano.*)

C (*pegando uma das fotos*) – Quem é essa senhora gorda e mal-humorada?

ANETE (*sorrindo*) – Minha vó.

C (*colocando a foto na mesa*) – *Es tut mir leid.*

ANETE – Não precisa te desculpar. Ela era gorda e mal-humorada mesmo.

C – Ela vive ainda?

ANETE (*pegando a foto e olhando-a*) – Sim. Ela vive.

4

Na sala de um apartamento no bairro Higienópolis, em Porto Alegre.

D – *Was willst du*

WILLI – O que que eu quero, né ?

(D assente positivamente com a cabeça.)

WILLI – *Ich will...Deutschland.* Tá certo?

D – *Aber was willst du in Deutschland machen?*

WILLI – O que eu quero fazer?

D – Hu-hum.

WILLI – Eu quero fazer meu doutorado.

D – Em alemão.

WILLI *(levemente irônico)* – Sim, porque em português na Alemanha vai ser meio difícil.

D – *Nein, die Antwort auf deutsch!* É a resposta que eu quero em alemão!

WILLI – Ah...

D – Tu cansou né?

WILLI – É, vamos parar por aqui. Também, quem mandou se apaixonar por Kant?

5

Na sala de um apartamento no bairro Navegantes, em Porto Alegre.

TEODORO – O que que tu achou do texto?

E – Em relação a que?

TEODORO – Consigo traduzir sozinho com o meu alemão?

E – Sim. A linguagem me parece um pouco...repetitiva, gírias em excesso, mau uso da língua...vais querer mesmo traduzir sozinho? *Schaffst du es?*

TEODORO *(achando graça)* – Tu é muito purista pro meu gosto. E além disso duvida demais da minha capacidade como tradutor.

E – Se formos considerar que a realidade é fruto da nossa atividade mental, então...

TEODORO – *Wie, bitte?*

E – Ah, nada. Reflexões de um velho empoeirado. Apenas isto.

TEODORO – Onde é que o senhor nasceu mesmo? Nunca me lembro do nome do lugar.

E (*orgulhoso*) – Königsberg. Eu nasci em Königsberg.

TEODORO – Fica na Alemanha ocidental ou na antiga oriental?

E (*ofendido*) – *In Preussen.* (*sacudindo a cabeça. Irritado*) Precisa passar por idiota que não entende de geografia?

TEODORO – O dramaturgo precisa introduzir Königsberg no início da peça, vou fazer o que?

E (*decepcionado*) - A Alemanha já não é mais o que era.

(*Pequena pausa.*)

TEODORO (*sussurrando*) – Ninguém pode ficar sabendo que eu estou trabalhando nesta tradução, *alles klar?*

E – Sim, eu costumo entender muito bem o que me dizem.

TEODORO (*com um sorriso irônico*) – Então tá bem. A próxima diversão ficou marcada pra quando?

Müssen

**Alle Menschen müssen sterben;
alles Fleisch ist gleich wie Heu;
was da lebet, muss verderben,
soll es anders werden neu.**

1

Na sala de um apartamento no bairro Floresta, em Porto Alegre.

E – Na aula passada foi visto o verbo *wollen*, hoje, nós estudaremos o verbo *müssen*.

RITA – Mu..mu..mussen.

E – Não, *müssen*.

RITA – Mussen.

E (*sem jeito*) – Tem que fazer um biquinho assim com a boca. *Müssen*.

RITA (*desanimada*) – Eu nunca vou conseguir aprender esta língua.

(Pequena pausa.)

RITA – Mas eu tenho que aprender, não tem outro jeito.

E – Desculpa eu me intrometer, mas por que é que a senhora quer tanto aprender este nobre idioma?

RITA – O senhor não sabe?

(E não sabe o que responder.)

RITA – Eu achei que vocês ficassem falando sobre a vida dos alunos nas reuniões de professores. Mas pelo jeito não falam, ou o senhor não participa, sei lá.

E – Eu sou uma pessoa muito reservada.

RITA – Eu vou me casar com um alemão.

E – De verdade?

RITA – Se o meu alemão é de verdade? Espero que sim. Por que?

E – *Ich meine...*ele é alemão mesmo?

(Rita olha desconfiada para E.)

E – Eu também sou alemão.

RITA *(tentando esconder uma risada)* – O senhor é muito engraçado.

E – De verdade?

RITA – Ah, agora eu entendi o que o senhor quis dizer com o *(imitando a pronúncia carregada de E) de verdade* de antes.

E – Falo mal o português.

RITA – O nome dele é Klaus.

(E fica pensativo.)

RITA – Eu conheci ele através da internet. Ele quer me levar embora pra morar com ele na Alemanha.

E *(excitado.)* – Onde?

RITA *(constrangida)* – Não sei direito o nome do lugar.

E – Fica perto de que cidade?

RITA *(desconfiada)* – Não sei.

E – Königsberg?

(Pequena pausa.)

RITA – O senhor é da polícia alemã?

E – *Entschuldigung?*

RITA (*nervosa*) – Olha, eu vou fazer tudo conforme a lei, eu não to querendo me juntar com qualquer carinha só pra me mandar daqui que nem a Zélia que ficou só dois meses com o alemão dela e depois virou garota de programa.

(*E olha atônito para Rita.*)

RITA – O que é que eu estou dizendo?

E – Não entendo nada.

RITA – Eu estou um pouco...nervosa.

E – Uma água com açúcar?

RITA – Eu tenho que me acalmar. (*Olha para E.*) Que vergonha. Além de burra, a aluna é louca.

E – Nunca pensei isso da senhora.

RITA (*graciosa*) – De verdade?

(*Pequena pausa.*)

E (*calmo*) – Tem que ser a Alemanha?

RITA (*constrangida*) – Dos que eu conheci foi o que eu mais gostei.

E (*em voz baixa para si*) – Maldita exigência de necessidade do juízo estético.

RITA – Eu não tenho muito tempo.

E – O tempo é um modo subjetivo de ordenar o sensível múltiplice.

RITA – Hein?

E – *Ich meine*, o tempo não existe por si só, é a gente mesmo que tem a sensação do rápido e do demorado.

RITA – Quem é o senhor?

(*Pequena pausa. O telefone celular toca. Rita olha apreensiva para E. O telefone toca. Rita olha para o telefone.*)

RITA – É ele.

E – O alemão?

(*Rita sacode a cabeça negativamente. O telefone toca.*)

E – Quer que eu atenda?

RITA – Desliga essa merda, desliga essa merda.

(*Pequena pausa.*)

E – A Alemanha é que é uma merda.

RITA – Parou.

E – Tem que existir um outro lugar.

RITA (*levantando-se de ímpeto*) – O senhor me desculpa, mas eu vou ter que terminar a aula aqui.

(*Rita conduz E forçosamente até a porta da entrada. E pára no meio do caminho. E olha para Rita.*)

E – Eu só interrompi a aula porque achei que dona Rita fosse o aluno que deveria estar ligado ao meu personagem, mas pelo jeito ao demiurgo não agrada a linearidade e as soluções fáceis...enfim... era apenas uma idéia, ideal irrealizável da razão humana.

RITA – Uma idéia?

E – Adeus, e boa sorte, *Fräulein*.

2

Na sala de um apartamento no bairro Moinhos de vento, em Porto Alegre.

GOTTLIEB – *Sie müssen mich erkennen.*

C – *Wen muss ich erkennen?*

GOTTLIEB (*irritado*) – A senhorita já me perguntou isto três vezes seguidas.

C – Então, *was muss Herr Blauberg kaufen?* Eu sou casada.

GOTTLIEB – Hein?

C (*mostrando a aliança*) – Eu não sou uma senhorita, eu sou casada.

GOTTLIEB – Tão jovem e casada?

C – Isto não tem importância, *was muss...*

GOTTLIEB – Não tem importância ?

C – Agora não.

GOTTLIEB – Ah.

C (*olhando para o relógio de parede*) – Vamos parar por aqui.

(*Pequena pausa.*)

GOTTLIEB – Não vai elogiar o meu alemão?

C (*constrangida*) – Eu tenho que elogiar o seu alemão?

GOTTLIEB – Todo o professor que vem aqui me dar aula comenta sobre a minha pronúncia impecável, só você não.

C (*seca*) – Parabéns. O senhor esteve muito bem.

GOTTLIEB – Quer saber por que eu aprendo alemão?

C (*colocando o seu material de aula dentro da bolsa*) – Se o senhor acha que precisa me contar...

GOTTLIEB (*segurando o pulso de C*) – Por que vocês ainda não me mandaram aquele velho?

C (*assustada*) – Como é que é?

GOTTLIEB – O velho.

C – O velho?

GOTTLIEB – Eu anoto um por um que vem aqui, nome, tudo. Já vieram mais de trinta e o velho ainda nada. Eu sei que ele faz parte do time de vocês.

C – Eu sou nova na escola, senhor Gottlieb, eu não conheço todos os professores ainda...
(*Pequena pausa.*)

GOTTLIEB – Eu gostei do verbo de hoje. *Müssen*.

C – Eu gostaria de ir agora. Eu tenho uma aula marcada pras...

GOTTLIEB – A porta está trancada. Você é a minha refém.

C – Trancada?

GOTTLIEB – Pode até escolher o número.

(*Pequena pausa.*)

GOTTLIEB – Todo prisioneiro tem um número.

C – Eu não to acreditando.

(*C pega o celular da bolsa. C digita o número e olha para Gottlieb. C desliga o celular.*)

C – Viado. Não atende. Puto. Foi ele que me botou nessa fria.

GOTTLIEB – Escolheu o número?

C (*nervosa*) – Que número, que número?

GOTTLIEB – Não precisa gritar. Quer tomar um banho? Vai ter que tomar um banho. *Du musst ...*

C (*estupefata*) – Minha quinta aula!

GOTTLIEB - O maridinho não respondeu?

C – Não. Não respondeu. E quer saber mais? Eu nem tinha que estar aqui, tô aqui só por causa dele, porque foi ele que me botou nessa fria. Era pra ter muita grana envolvida, grana entendeu?

GOTTLIEB – *Kohle?*

C – Vai fazer o que comigo, posso pelo menos saber?

GOTTLIEB – Contigo nada, eu quero é o velho.

C – Que velho, porra?

GOTTLIEB – Dachau não te diz nada? Não, tu é muito novinha pra ter a mínima noção do que Dachau poderia ter sido.

C – Sei lá do que tu tá falando, o meu negócio é outro, é grana, é coisa concreta, *Geschäft*, senhor Gottlieb.

GOTTLIEB – Hum, uma boa comerciante, pelo que eu entendi.

C – É a sobrevivência.

GOTTLIEB – Gosto de comerciantes.

C – Eu tenho que ir agora.

GOTTLIEB – Meus pais eram comerciantes.

C (*olhando ao redor de si , sarcástica*) – E , pelo jeito, ricos.

GOTTLIEB – Comerciantes eram queimados ou morriam à míngua.

(*C fica sem entender*)

GOTTLIEB – Minha mãe morreu nos chuveiros. Meu pai...como foi que ele morreu mesmo?

(*C fica cada vez mais assustada*)

GOTTLIEB – O nome Dachau não te diz nada? Aprendeu alemão onde?

C – Eu...sou formada em letras...tradução alemão-português...

GOTTLIEB – Então traduz pra mim...*ich muss...*

C – Eu tenho que...

GOTTLIEB -...*mich gut benehmen.*

C -...me comportar...

GOTTLIEB (*gritando*) – Faltou o *gut!*

C - ...bem...

GOTTLIEB – Excelente aluna. Agora a senhora vai ligar pra sua escola e vai pedir o número do velho. Vai ligar pra mentir que tem uma aula marcada comigo pra daqui a duas horas e pedir que ele a substitua porque a senhora ficou doente. Eu sei que vocês vivem fazendo isso e nem consultam a supervisora de vocês. Só que a senhora não pode dizer quem é o aluno. E se ele não vier...daí a gente vê o que faz.

3

Na sala de um apartamento no bairro Jardim São Pedro, em Porto Alegre.

D – *Um wieviel Uhr muss sie ...hum...aufstehen?*

ANETE – *Sie muss aufstehen um fünf.*

D – Hum...wer...hum...

ANETE – Eu já entendi o verbo *müssen*. Prefere passar pro próximo ou fazer uma pausa?

D – Fazer uma pausa.

ANETE – A Oma gostava de dizer um provérbio que começa com *muss*, mas eu não sei o resto.

D – A tua vó fala alemão?

ANETE – Fala.

D – E ela não te ensinou?

ANETE – Eu não quis aprender. (*Olha para D*) Boba, né?

D – É o que a gente mais faz.

ANETE – O que?

D – Bobagem. A gente vive fazendo bobagem.

ANETE – A gente tem que fazer bobagem pra aprender.

D (*assentindo com a cabeça*) – *Richtig.*

(*Pequena pausa.*)

ANETE – Eu tive que fazer um bolo prum aniversário ontem e sobrou, quer um pedacinho?

D – Claro, deve estar uma delícia.

ANETE – Eu aprendo alemão porque eu quero...ou melhor...eu tenho que me comunicar com a minha vó.

D – Ela não fala português?

ANETE – Tacanha. Nunca quis aprender. Ficou sempre em casa. Mandava na família toda. Em alemão.

D – Maravilha!

ANETE – Com a morte do meu vô tudo ficou mais difícil.

D – Mãe da tua mãe?

(*Anete serve o bolo para D. D olha para ela. Anete olha para D.*)

ANETE – O que foi?

D – Te fiz uma pergunta.

ANETE – Desculpa.

D – Eu também faço dessas.

ANETE – Eu sempre faço isso quando eu tô a fim de alguém, apaixonada mesmo. Engraçado, né?

(Pequena pausa.)

D *(encara Anete)* – É o meu caso.

ANETE *(constrangida)* – Que bom.

D – Não, não é bom.

ANETE *(sentando-se)* – Tem que ser sempre tão complicado?

D – Quem vai saber?

ANETE – A Oma sempre foi muito rígida.

D – Só que a pessoa por quem eu tô apaixonado não tá apaixonada por mim.

ANETE – Ela expulsou minha mãe de casa depois que eu nasci.

D – Eu também fui expulso da casa dela.

ANETE – Minha mãe engravidou solteira dum cara que não era alemão.

D – Eu ainda sou louco por ela.

ANETE – Eu fui criada pela Oma e cresci odiando a minha mãe.

D – Eu tenho que te contar uma coisa.

ANETE *(segurando na mão de D)* – Eu tô grávida.

(Longa pausa.)

D – Grávida.

ANETE – Meu namorado é negro. Eu sou solteira. A Oma não sabe.

D – Isso é um problema?

ANETE – Pra mim é.

D – Tu tá aprendendo alemão pra contar pra tua vó que tu tá grávida do teu namorado?

ANETE – Sim. Não sei. Acho que sim.

(D encara Anete.)

ANETE – Não olha assim pra mim.

D – Tu sabe porque é que eu dou aula de alemão? Eu estagiei numa empresa na Alemanha e não consigo emprego aqui. É a única forma de ganhar dinheiro e sobreviver nesse país de merda.

(Anete acaricia o rosto de D.)

D – E eu tenho que te contar uma coisa.

(Anete acaricia os lábios de D.)

D – Ninguém tem o direito de desprezar uma outra pessoa porque ela tem pouco dinheiro. O que vale é o sentimento, é o sentimento.

ANETE – Tava bom o meu bolo?

D – Ela não perde por esperar.

(Anete e D se beijam.)

4

Na sala de um apartamento no bairro Higienópolis, em Porto Alegre.

WILLI – Eu imagino que deva ser um paraíso, qualquer coisa é melhor do que aqui.

B – Mas o que é que te incomoda tanto, tu é um guri novo, toda uma vida pela frente.

WILLI – Ser filósofo no Brasil é morrer de fome.

B – Se tu tivesse a minha idade eu até entenderia, mas novinho assim...

WILLI – Hegel, Schopenhauer, Schlegel, Fichte, só pra citar alguns. O que seria da filosofia sem eles?

B – Tudo lá é velho, caindo aos pedaços. A guerra, os preços em euro, a xenofobia, o terrorismo, o que pode atrair um jovem como tu? O lugar de vocês é aqui, o Brasil é um país repleto de oportunidades.

WILLI – Talvez prum professor de alemão. Os teus filhos pensam como tu?

B – Eu não tenho filhos.

WILLI – Ah, bom.

B – Não, a frase é outra. Eu não tinha que ter filhos. Ou melhor, eu tinha que ter tido mais coragem pra realmente ter um filho. Uma filha.

WILLI – Isto é quase filosófico.

B – Não, esta é a minha vida mesmo.

WILLI – E Kant, como é que eu me esqueci dele?

B – A gente acaba se esquecendo de muita gente ao longo da vida.

WILLI – Olha, eu tenho que ir pra Alemanha por causa dele.

B – De quem?

(Willi mostra um retrato de Kant.)

B – Ah, eu achei que era por causa de uma pessoa.

WILLI – Ele é uma pessoa.

B – Morta.

WILLI – São as mais interessantes.

B – A minha filha não morreu.

WILLI – Isto é uma afirmação?

B – Falta pouco pra eu poder encontrá-la.

WILLI – Tu perdeu a tua filha?

B – Digamos que roubaram ela de mim.

WILLI *(olhando para a figura de Kant)* – Tu vê, cada um com seu *müssen*. *Ich muss nach Deutschland, und Du musst deine Tochter finden.*

B – Eu não preciso achar ela, eu já sei onde ela tá.

WILLI – Sabe?

B *(tensa)* – Sei.

WILLI – Quer um cigarro?

B – Cigarro?

WILLI – Uma outra droga?

B – Cigarro .

WILLI – Eu vou passar na minha prova?

B – Tá bem preparado.

(Willi alcança o maço para B. B tira um cigarro. Willi acende o cigarro de B. B fuma.)

WILLI – Tu já imaginou a quantidade de drogas que existem por lá e a gente nem imagina?

B – Eu imagino muita coisa.

WILLI – Eu também. Quando eu estiver lá. Bem longe daqui.

Na sala de um apartamento no bairro Navegantes, em Porto Alegre.

TEODORO – Esta parte aqui me parece meio estranha.

A – Me deixa ver.

(A examina a tradução de Teodoro. Teodoro tamborila os dedos na mesa. A olha para Teodoro.)

TEODORO – *Stört dich das?*

A – Atrapalha, sim. Preciso me concentrar nessa linguagem...moderna.

TEODORO – É por isso que o texto dele faz tanto sucesso, ele é um gênio, um gênio! A estréia do outro texto dele em Berlim foi um arraso, lotou nos três primeiros dias.

A – Berlim?

TEODORO – É, ele vive em Berlim, mas os outros teatros também encomendam peças pra ele.

A – Conhece Berlim?

TEODORO – Sim.

A – Faz anos que eu não vou há Berlim. Muitos anos.

TEODORO *(excitado)* – O senhor conhece Berlim?

A *(sinistro)* – Quem não conhece Berlim?

TEODORO – Então o senhor consegue imaginar a minha agitação com tudo isso : Berlim, um autor contemporâneo, uma corrida contra o tempo...

A – Consigo.

TEODORO – Só faltam espões como naqueles filmes de guerra...

A – Espões sempre existiram, não apenas em filmes de guerra, meu rapaz.

TEODORO – Deixa eu lhe confessar uma coisa, mas só vou contar pro senhor. *(Sussurrando.)* Tem gente atrás desse manuscrito, querem roubar de mim.

A *(achando graça)* – É mesmo?

TEODORO – Sim. A questão é a seguinte : o autor está passando por uma crise existencial...

A – Vocês também?

TEODORO – Nós também o que?

A – Tudo bem, *weiter*.

TEODORO – Pois é, ele acha que este texto aqui é muito intelectual, que não vai ter público e estas coisas. Então ele me pediu que eu traduzisse e encenasse antes de ser encenado na Alemanha.

A – Na, und?

TEODORO – É que tem um outro diretor aqui em Porto Alegre que ficou sabendo deste texto e quer tirá-lo de mim pra provar pro autor que encenado de forma bem popular, fazendo concessões pro grande público ele vai ser um sucesso estrondoso. E eu não quero deixar.

A – Você não quer ganhar dinheiro?

TEODORO – Quero, mas sem deturpar o valor artístico do trabalho.

(Pequena pausa.)

A – Vamos começar a aula, ainda nem entrei no verbo *müssen*.

TEODORO – *Ich muss, du musst, er muss...* já sei tudo.

A *(fechando o livro de alemão com força)* - Quase tudo.

TEODORO – Hein?

A – Eu tenho que lhe pedir uma coisa. Um favor.

TEODORO – Se eu puder lhe ajudar.

A – Tem que ser hoje.

TEODORO *(intrigado)* – Tudo bem...

(A tira um revólver do casaco . Teodoro fica atônito.)

A – Eu tenho que morrer hoje.

TEODORO – Na minha casa?

A – Sim.

TEODORO – *Muss es sein?*

A – Sim, não tem outro jeito. Eu...estou cansado. Velho.

TEODORO *(assustado)* – Não seria mais adequado esperar uma morte natural...

A – Prefiro algo simples. Um tiro e pronto.

TEODORO – E eu participo como?

A – Dando um tiro em mim. *(Envergonhado)* Eu não tenho coragem.

TEODORO – Mas o senhor está querendo complicar a minha vida.

(A estende a arma para Teodoro.)

A – Eu prefiro não ter que te contar a razão disto. Me coloca depois no porta-mala do carro e me despeja dentro do Guaíba. Não vai te comprometer.

TEODORO – E se eu disser não?

A – Aí eu te mato e roubo a tua identidade.

TEODORO (*rindo*) – Mas quem vai acreditar nisso? Todo mundo sabe quem eu sou.

A – Eu tenho muita experiência com essas coisas, rapaz. Eu não sou este que tu estás vendo. Eu já fui muitos depois de ter sido eu mesmo.

TEODORO – Quem sabe um *schnaps*?

A – A morte precisa ser uma decisão consciente. Assim como matei consciente, quero morrer da mesma forma.

TEODORO – Tinha que acabar assim? Uma carreira tão promissora como a minha?

(*A coloca o revólver na mão de Teodoro. Teodoro examina a arma. A afasta-se de Teodoro. A tira outro revólver do casaco e aponta para Teodoro.*)

A – *Fertig*?

TEODORO – Claro que não tô pronto, eu me nego a fazer isso, eu não vou cometer um crime. Matar e ainda por cima sem saber por quê! Não, eu sou um dramaturgo, um criador e não vou me sujeitar a um professor de alemão obscuro e misterioso que invade a minha casa com duas armas embutidas num casaco de *loden* dos anos quarenta...

A – *Eureka*.

TEODORO – Não, não pode ser, não era esse o enredo da minha peça...

A – Um...

TEODORO (*apontando o revólver para A*) – Eu te mato primeiro!

A – É a minha primeira opção. Dois...

TEODORO – Isso é um absurdo, essa cena está descaracterizando toda ação dramática que estava sendo desenvolvida, erro de tradução não pode ser, afinal eu sou um autor brasileiro, o que é que está acontecendo aqui?

A – E...

TEODORO – Eu tenho o poder de mudar qualquer coisa nestas páginas, é o mundo que eu criei, eu sou um dramaturgo!

A – Três.

(*A luz se apaga. Ouve-se uma grande explosão.*)

Dürfen

**Auch dürft ihr nicht erschrecken
Vor eurer Sünden Schuld;
Nein, Jesus will sie decken
Mit seiner Lieb und Huld.**

1

Na sala de um apartamento no bairro Floresta, em Porto Alegre.

RITA – *Nein Klaus ?*

ORIENTADOR – *Nein, ich heisse nicht Klaus.*

RITA – Ai, meu Deus, o que é que eu faço.

(O orientador remexe nos poucos livros que ele vê no apartamento)

RITA *(pega no celular)* – Vou pedir pra eles me mandarem um professor urgente pra cá. *(Olha para o orientador).*

ORIENTADOR – *Sie sind...*

(Rita desliga imediatamente o celular)

RITA – *Sie sind...* eu tô nervosa contigo aqui na minha casa...*sie sind*, ai que merda é essa, me esqueci de tudo ! Calma, Rita, calma, mulher. Vou oferecer um chá pra ele, não, uma cerveja.

(Rita se apruma e sorri para o orientador)

RITA – *Klaus...bier...hum...bier wollen ?*

ORIENTADOR *(achando graça do nervosismo de Rita)* – *Ein Bier ?*

RITA – É, uma cerveja, quer ?

(O orientador assente com a cabeça e pega um livro da mesa. Rita fica olhando. O orientador olha pra Rita e sorri.)

RITA – *Du...Klaus ?*

ORIENTADOR – *Nein.*

RITA – Tu não é o Klaus ?

(O orientador olha para Rita com uma expressão imbecil)

RITA – Então só pode ter sido gozação daquele viado. Ele deve ter descoberto tudo.

ORIENTADOR – *Darf ich Ihre Dissertation mal anschauen ?*

RITA (*nervosa*) – Devagar, eu tô há recém no básico, Klaus. Não, tu não é o Klaus. Tu é quem , pelo amor de Deus !

(*O orientador sacode a cabeça sem compreender a situação*)

RITA (*senta-se em frente ao orientador*) – *Ich...Klaus...(mostra uma aliança fictícia no dedo)...casar...como é que se diz isso...*

ORIENTADOR – *Wer ist Klaus ?*

RITA – Quem é Klaus...Klaus é meu noivo ! Noi-vo.

ORIENTADOR (*pronunciando com dificuldade*) – Noivo.

RITA – Um encanto ele.

ORIENTADOR – *Kant ? Haben Sie Kant gesagt ?*

(*Rita olha boquiaberta para o orientador*)

RITA (*pegando no celular*) – Eu vou ter que ligar pra alguém. (*Largando o celular*) Espera. (*Para o orientador*) Tu é algum parente do Klaus e veio me dizer alguma coisa ? Ele não quer mais se casar comigo, é isso ? Ele tá me dando um fora ?

ORIENTADOR (*levantando-se*) – *Ich verstehe Sie nicht.*

RITA – *Verstehen...entender...tu tá querendo me dizer que o que eu entendi é isso mesmo o que tu tava querendo me dizer...tu é parente dele mesmo ?*

ORIENTADOR – *Auf Wiedersehen.*

RITA – Mas ele não me mandou nada, nem um bilhete ? Uma foto ? Um dinheiro...

(*O orientador sai com um sorriso amarelo*)

RITA – É assim que os alemães fazem ? Mandam o primo avisar que não tão mais a fim. ?

(*Rita chora tapando o rosto com as mãos*)

RITA – Klaus ! Quer dizer, seu moço ! (*Vai à janela*) Espera ! Eu vou te apresentar a minha vizinha do duzentos e um. Ela é bem bonita. E não é burra que nem eu, vai aprender alemão rapidinho. Espera !

(*Rita sai correndo*)

2

Na sala de um apartamento no bairro Moinhos de vento, em Porto Alegre.

GOTTLIEB – Eu já disse que pra mim tanto faz ficar com um ou com o outro. Refém é refém.

DIRETOR TEATRAL – Isso é um absurdo. Isso é a inveja desse dramaturgozinho provinciano frustrado, que não sabe ganhar dinheiro e fica me colocando nesse tipo de situação.

GOTTLIEB – Tu sabe o que a tua esposa me revelou ?

DIRETOR TEATRAL – O que foi que tu fez com ela, seu...

GOTTLIEB – Cuidado, muito cuidado com os termos escolhidos. Hoje em dia não se diz mais o que se pensa com tanta liberdade.

DIRETOR TEATRAL – Fala, seu puto.

GOTTLIEB – Pra que tanta agressividade com um senhor tão distinto, que mora tão bem, foi o que ela me disse.

DIRETOR TEATRAL – Eu vou te processar por assédio sexual pra cima dela e ameaça pra cima de nós dois.

GOTTLIEB – O teu amigo dramaturgo não vai deixar. Entre eu e tu, certamente ele vai preferir acabar é contigo (*Gargalha*)

DIRETOR TEATRAL – Esquece aquele intelectual infame, me diz o que ela falou de mim. (*Irônico*) Pelo jeito ao invés de estudarem alemão vocês ficam praticando alguma terapia psicológica. (*Explodindo*) Por que é que ela nunca foi dar aula pra aquele desgraçado pra roubar numa vez a maldita peça de teatro ?

GOTTLIEB – Como se tu não soubesse que quem decide tudo é o demiurgo teu amigo.

DIRETOR TEATRAL – Ele não é meu amigo.

GOTTLIEB (*sussurrando*) – Pra te dizer a verdade, eu ainda não compreendi o que acontece entre vocês. Ela fala de grana, tu em roubar e o teu amigo acaba te botando aqui no lugar dela...

DIRETOR TEATRAL – Não é da tua conta. O que é que a minha mulher te disse ? Desembucha.

GOTTLIEB (*cínico*) – Espero que ela não tenha esquecido de contatar o coleguinha dela centenário pra vir aqui me fazer uma visitinha. Tu conhece o tal senhor ?

DIRETOR TEATRAL – Que merda é essa que eu não tô entendendo ?

GOTTLIEB – O velho de uniforme marrom. Ele usa botas de cano alto ? Passo de ganso ? Usa o mesmo bigode do chefe supremo ? (*Segurando a emoção*) Tortura, mata, incinera ? (*Grita*) Tu acha que é fácil pra mim desempenhar essa comédia ? Isso não se trata de uma comédia !

DIRETOR TEATRAL (*sem saber o que dizer*) – Eu poderia ir ao banheiro ?

GOTTLIEB – *Darf ! Darf ich !* Teus pais não te ensinaram esse verbo, menino ?

DIRETOR TEATRAL (*envergonhado*) – Eu não falo alemão.

GOTTLIEB – E fica usando a própria mulher pra se apossar das coisas alheias. O que seria de ti sem ela, hein !

DIRETOR TEATRAL – Ela concordou, ela não pode reclamar agora.

GOTTLIEB – Um monstro.(*com deboche*) *Sind Sie ein Monster, wenn ich es Ihnen fragen darf ?*

DIRETOR TEATRAL – Posso ir ? Eu quero acertar as contas com ela.

GOTTLIEB (*histérico*) – Não ! Ninguém vai sair daqui.

DIRETOR TEATRAL (*com um sorriso triunfante*) – Quem tem o poder de decidir isso ?

GOTTLIEB – Todos nós. É ele quem começa a escrever a peça, mas lá pelo meio, bem nesse ponto onde a gente tá, tem coisas que ele não pode mais mexer, senão a estrutura cai, o sucesso dá lugar ao fracasso. É um esforço coletivo dele e dos seus personagens, nós, por isso eu te afirmo, tu não vai arredar o teu pé daqui até que o ariano milenar apareça embaixo daquele portal.

DIRETOR TEATRAL – Cretino. Agora eu entendo porque ele colocou a mim nesta cena e não qualquer outro.

GOTTLIEB (*ensandecido*) – *Wenn ich das sagen darf*, ele é um dramaturgo inteligente.

DIRETOR TEATRAL – Eu merecia um outro final de cena.

GOTTLIEB – Senta, menino, vai demorar até que a gente apareça de novo.

3

Na sala de um apartamento no bairro Jardim São Pedro, em Porto Alegre.

(Anete e o alemão estão fazendo sexo. O alemão goza. Ele rola pro lado. Anete se senta. Anete bebe água. Anete desenrola uma bala e coloca na boca. Ela oferece para o alemão. O alemão ronca suavemente. Anete liga um cd de salmos luteranos cantados em coro.)

ANETE – A música religiosa é a minha música preferida, pra alguns, um delicioso contraste com o meu modo promíscuo de ser. Para os chatos de plantão, é uma ligação com Kant, que escrevia em alemão também, e como ele parece ser a estrelinha da peça, ficamos por aqui.

(*Anete olha para o alemão e olha para o público*)

ANETE – Conheci esse cara faz duas horas numa festa muito bizarra num galpão abandonado no fim do mundo. Ele é alemão, mas eu não entendo muita coisa do que ele fala. Na verdade eu não entendi quase nada. Não porque meu alemão é ruim, até acho que aprendi bastante com esses professores que vêm aqui, mas ele tem um acento brabo. Parece que tá procurando alguém e não consegue achar. Coitado. Como é que o cara se mete num lugar onde ele não conhece ninguém. Muito esquisito. (*Engole o suco da bala*) Eu transei com ele porque tava a fim de transar com alguém. O professor aquele depois daquele dia nem me ligou mais nem foi escalado pra me dar aula. Bem gostoso ele. (*Engole o suco da bala*) Tô até com pena do carinha aí, vai acordar e nem tem pra onde ir. Mas eu não posso ficar com um estranho no meu apartamento. Ainda mais que eu vou passar o fim-de-semana lá na casa da Oma. (*Pequena pausa . Anete levanta e se espreguiça. Vai até a janela envolta no lençol. O alemão acorda e se senta.*)

ALEMÃO – *Darf ich rauchen ?*

ANETE (*sem olhar para ele*) – Pode. (*Acariciando a barriga*) Ele não vai se importar. (*O alemão acende um cigarro e se deita para fumar*)

ANETE – Cinco bolos cancelados. Deixei de ganhar uma boa grana pra ir ver a Oma. Eu sei que ela vai me xingar e dizer que nunca mais vai querer me ver na frente como ela fez com a minha mãe.

(*Pequena pausa*)

ALEMÃO – *Komm mal her, Anete.*

ANETE – Ele quer que eu vá me deitar com ele. Não quero. Será que ele não percebe que eu tô com a cabeça noutra lugar ? E nem foi tão legal, ele já chegou metendo e me lambendo. Muito áspera a língua dele.

ALEMÃO – Anete...

ANETE – Vai te fuder.

(*Pequena pausa*)

ANETE – Que engraçado. De repente senti uma vontade de ver a minha mãe, de olhar no rosto dela. De saber o que ela sentiu quando a Oma expulsou ela de casa. Eu nunca me preocupei com ela. Nunca.

(*Pequena pausa. Anete aperta mais o lençol em torno dela.*)

ANETE – Como será que ela vive, com quem, será que ela casou, teve outros filhos ? Não é a minha mãe que eu quero ver, eu quero conhecer uma mulher que passou pelo que eu acho que eu vou passar.

ALEMÃO – *Es ist mir kalt, darf ich das Fenster mal zumachen ?*

(*Anete fecha a janela*)

ANETE – Cara chato.

(*Anete joga o lençol dela por cima do alemão. Anete volta pra janela*)

ANETE – Eu não me importo que os vizinhos me vejam pelada. Não vão ver muita coisa mesmo. Aquele daquele apartamento ali se masturba quando me vê. Coitado. Não deve ter ninguém pra comer. (*Olha para a própria barriga*) E agora que eu vou engordar que ele não vai mais querer saber de mim. De nós. (*Com um tom infantil*) Tu te importa que a mami fique peladona aqui na janela ?

(*Pequena pausa . A lua ilumina o rosto de Anete*)

ANETE – Eu sempre tive que pedir permissão pra tudo. *Darf ich* isso, *darf ich* aquilo. Esse verbo eu nem preciso praticar nas aulas, já sei de cor. E se a velha me xingar, vou ficar quietinha ? Minha mãe botou o rabo entre as pernas e se mandou. Será que ela também não achou mais fácil se livrar de mim ? (*Pequena pausa.*) Credo, que maldade a minha, mãezinha. (*Pequena pausa*) Mãezinha. Eu nunca disse mãezinha. (*Pequena pausa*) Que frio. Agora sou eu que tô com frio. Vou pegar um cobertor pra mim.

4

Na sala de um apartamento no bairro Higienópolis.

WILLI – O dramaturgo foi muito gentil conosco. Como na nossa cena os três falam o mesmo idioma, no caso o alemão, ele decidiu traduzir a cena por inteiro, para auxiliar na compreensão, entendem ?

PAI JUDEU – Entendemos.

MÃE JUDIA – Muito simpático da parte dele. Ajuda o público para entender o diálogo.

WILLI – Eu não posso reclamar dele, tem sido muito colaborativo com as minhas cenas. (*Em voz baixa*) Estou muito curioso pra ver como será o meu encontro final com Kant, se vai ser a última cena da peça, o clímax, essas coisas.

(*O pai judeu e a mãe judia fazem que entendem com a cabeça*)

WILLI – E foi boa a viagem ?

MÃE JUDIA – Ótima ! O dramaturgo nos colocou na primeira classe.

PAI JUDEU – Infelizmente ele esqueceu de solicitar comida kosher.

WILLI – Que pena, mas também, são tantas coisas com as quais ele precisa se preocupar que no final das contas alguma coisa acaba saindo errado...no final das contas...isto não é nenhuma premonição dialógica, espero, ele foi tão gente fina comigo até agora.

PAI JUDEU – O que exatamente você faz nesta peça.

WILLI (*desapontado*) – Ah, vocês ainda não sabem ?

(*O pai judeu e a mãe judia se olham balançando a cabeça negativamente*)

WILLI – Bom, eu sou um estudante de filosofia que quer muito fazer um doutorado sobre Kant na Alemanha.

PAI JUDEU – Muito bem, parece ser um rapaz muito estudioso.

MÃE JUDIA – E a casa é bem limpinha.

PAI JUDEU – E quem vai pagar o doutorado ?

(*A mãe judia dá uma cotovelada discreta no pai judeu*)

WILLI – Eu ainda dependo duma bolsa.

MÃE JUDIA – Você é casado ?

(*O pai judeu dá uma cotovelada discreta na mãe judia*)

WILLI – Não.

PAI JUDEU – E já sabe quando vai ?

WILLI – Depende do dramaturgo. Acho que ainda falta a grande cena com Kant no final.

PAI JUDEU – Então Kant é personagem da peça ?

MÃE JUDIA (*sorrindo amarelo para Willi*) – Ele é muito lento, sabe.

WILLI – Ainda não topei com ele em nenhuma cena, mas acho que sim.

MÃE JUDIA (*para o pai judeu*) – Bem que ele poderia nos colocar junto com este senhor Kant em algum momento, não acha ?

PAI JUDEU – Depois de tudo o que passamos, sim. Seria um consolo.

WILLI – Vocês estão...mortos, não é isso ?

MÃE JUDIA – Sim. Mas esta é a parte trágica da história.

WILLI (*constrangido*) – Ah. Eu imaginei pela palidez dos seus rostos, e pela poeira nos figurinos, e pelos trajes um tanto quanto...

MÃE JUDIA – Éramos comerciantes judeus numa cidadezinha perto de Munique.

WILLI (*animado*) – Sim, Munique tem uma universidade muito importante. É um centro de pesquisa de referência.

PAI JUDEU – Nós estamos procurando o nosso filho.

(*Pequena pausa*)

WILLI – Ah.

MÃE JUDIA – Não era a nossa intenção misturar o nosso drama pessoal com o seu, que parecem ser de naturezas completamente diferentes, mas se o dramaturgo optou por isso, quem somos nós para contrariá-lo, não é ?

PAI JUDEU – Tem toda a razão.

MÃE JUDIA – Como sempre.

WILLI – E...estão gostando do Brasil ?

MÃE JUDIA - Só nos foi permitido conhecer Porto Alegre.

PAI JUDEU (*sussurra para Willi*) – Porto Alegre fica mesmo no Brasil ? A primeira impressão foi que não. Mas depois, sim.

MÃE JUDIA – Muito quente.

PAI JUDEU – E perigoso.

MÃE JUDIA – As ruas são bem sujas.

PAI JUDEU – E os preços das mercadorias !

MÃE JUDIA (*para o pai judeu*) – Isto por que você não viu a quantidade de crianças na rua pedindo coisas.

PAI JUDEU (*decepcionado*) – E muitas poucas sinagogas também.

WILLI – É. Agora vocês entendem porque eu quero tanto sair daqui e tentar a vida na Alemanha.

MÃE JUDEU – Apesar de tudo, nós temos saudade da Alemanha. Era a nossa pátria.

WILLI – Hoje em dia ninguém mais tem esse sentimento patriótico. Terminaram-se os estados, aboliu-se as fronteiras.

MÃE JUDIA – Pois é mesmo, li no jornal que agora existe uma tal de Comunidade européia, o que fizeram com a nossa Alemanha ?

(*Ouve-se uma melodia klezmer*)

MÃE JUDIA (*emocionada*) – Que simpático...

PAI JUDEU – Como fazemos para agradecer ao dramaturgo estas delicadezas dele ?

WILLI – A gente nunca sabe como contatá-lo. E como Deus, ele existe, mas a gente nunca sabe se ele nos ouve ou não.

(*A mãe judia enxuga as lágrimas num lençinho de cambráia. O pai judeu conforta a mãe judia com um abraço.*)

WILLI – Eu vou sair agora para...hum...buscar alguma coisa para beber. É sempre assim que os dramaturgos terminam as cenas, não é ? E vocês podem ficar aqui.

(*Willi sai de cena*)

5

Na sala de um apartamento no bairro Navegantes, em Porto Alegre.

TEODORO (*pensativo*) – Não, não conheço nenhum dramaturgo que tenha nascido em Königsberg...

E (*visivelmente decepcionado*) – Vamos voltar à aula, então. *Darf man hier rauchen ?*

TEODORO – É uma pergunta de verdade ?

E – Tudo é de verdade.

TEODORO – Tudo ?

E (*enfático*) – *Darf man hier rauchen ?*

TEODORO (*inseguro*) – Sim, se o senhor quiser...

E – Por que o senhor não me responde em alemão ?

TEODORO – É que eu sou uma pessoa muito prática, e como eu preciso traduzir esse texto logo, eu passo pro português porque o texto tem que ficar pronto antes que...

E – Mas o senhor tem que obedecer às regras do curso.

TEODORO (*didático*) – Eu não quero obedecer a regras, eu quero traduzir o meu texto o mais rápido possível.

(*Pequena pausa*)

E – Interessante.

(*Pequena pausa*)

TEODORO – O senhor se porta desta maneira com todos os alunos ?

E – Os que relaxam na ordenação natural das idéias, sim.

TEODORO – O senhor me interessa.

E (*brusco*) – *Wie, bitte ?*

TEODORO (*achando graça*) – Calma. Como figura dramática, eu digo. Personagem.

E – *Darf ich Ihnen mal eine Frage stellen ?*

TEODORO – Claro.

E – Por que o senhor não chamou alguém para traduzir este texto. Não seria mais rápido ?

TEODORO – Por sigilo.

E – O senhor trata a questão com muita indiscrição para parecer sigilosa.

TEODORO – Traduza, por favor.

E – Eu poderia ser um espião, *zum Beispiel*, alguém interessado em roubar-lhe o texto. Teria então me disfarçado como professor de alemão e aqui estaria, bem tranqüilo, sobre a presa.

TEODORO – O senhor faria isso ?

E - Não. Mas outro faria.

TEODORO – Isto é imoral.

E – Os homens são imorais, apesar de saberem que estão sendo.

(*Pequena pausa*)

TEODORO – Tem toda a razão. Não vou mais comentar com nenhum de vocês sobre a tradução. (*Examinando E com o olhar*) O senhor não é brasileiro.

(*E sacode a cabeça negativamente*)

TEODORO – Um alemão que considera a humanidade imoral. Um alemão que dá aulas de alemão no Brasil. Um alemão que tenta me abrir os olhos para possíveis concorrentes...

E – Algumas perguntas jamais poderão ser respondidas por nós.

TEODORO – Nós quem ?

E – Mortais.

TEODORO – Eu sou um demiurgo.

E – E eu sou a letra E.

TEODORO – Alguém aqui está tirando outro de bobo.

E – Talvez os dois. Ou a nossa estupidez é tão presunçosa que nos faz acreditar sermos mais perspicazes que o outro.

TEODORO (*derrotado*) – Eu sou a criatura.

E – Ou pior, estão rindo de nós dois, em algum lugar. Alguém.

TEODORO – Isto não tem graça nenhuma.

E – Duas coisas me enchem a alma de crescente admiração e respeito, quanto mais intensa e freqüentemente o pensamento delas se ocupa...

TEODORO – Vamos adiante, senhor E, ainda falta um bom pedaço e além disso o senhor está bem longe de Königsberg, bem longe.

Sollen

**Wie soll ich dich empfangen,
und wie begegn ich dir,
o aller Welt Verlangen,
o meiner Seele Zier ?**

1

Dachau. 1943.

MÃE JUDIA – Foi sem dúvida a melhor coisa que podíamos ter feito.

PAI JUDEU (*sussurrando*) – *Leise, leise.*

MÃE JUDIA – Eu estou falando o mais baixo que eu consigo. Se a gente sussurra alto, eles vêm.

RITA – Isto aqui é a Alemanha ? Por que o Klaus mentiu pra mim ?

MÃE JUDIA – Ele não falou pra ti dos campos de concentração ? (*Para o pai judeu*) Eles fazem de conta que isto aqui não existe.

PAI JUDEU (*para Rita*) – Ele mentiu ou ele simplesmente deixou de mencionar...

RITA – Ele falava em outras coisas, coisas alegres, divertidas...

MÃE JUDIA – *Männer.* São todos iguais.

B – Foi muita crueldade terem me colocado aqui, com vocês dois, sabendo que eu tive que...

MÃE JUDIA – Você não gosta da nossa companhia ?

B – Ter escutado a história do pequeno Gottlieb, como ele conseguiu fugir da fúria da polícia, saber que ele está bem e a salvo...

PAI JUDEU – Eu tenho certeza que você vai encontrar sua filha quando sair daqui.

(*Pequena pausa. B olha para mãe judia com um olhar aflito*)

MÃE JUDIA (*segurando a mão de B*) – Nós vamos sair daqui.

RITA – Por que eu estou aqui se eu não sou judia ?

PAI JUDEU (*para Rita*) – Por que os judeus estão aqui ?

B – Se eu pelo menos tivesse a certeza que vocês têm em relação a minha Anete...

(*Rita chora tapando o rosto*)

PAI JUDEU – Vamos imaginar, é só o que nos resta fazer agora.

MÃE JUDIA – Sim, ótima idéia. Rita, pelo menos faz calor, é verão. A Alemanha no verão é deliciosa.

(*Mãe judia olha sem graça para B*)

PAI JUDEU – Será que o seu ...

MÃE JUDIA – Pretendente.

PAI JUDEU - ...o seu pretendente não é um dos oficiais ? Nós poderíamos perguntar para algum deles.

MÃE JUDIA – O Paul. (*Para B*) É o mais simpático.

RITA – Ele faria isso comigo ?

PAI JUDEU – O humor dos alemães é algo imprevisível.

B – Hoje faz vinte anos.

MÃE JUDIA – Vinte anos que...?

B – Eu resolvi trabalhar naquele curso de alemão porque eu queria conhecer minha filha aos poucos sem que ela soubesse que eu era sua mãe, mas eles nunca me deram uma aula com ela, só Deus sabe por que.

MÃE JUDIA – Tudo tem uma razão de ser.

B – Foi muito cruel ter me arrancado de perto dela e ter me trazido pra cá, de onde eu não sei se vou sair viva.

RITA – Eu também não entendo como foi acontecer isto comigo: um castigo ? Uma punição ?

(*O Pai judeu e a mãe judia se entreolham*)

B (*para Rita*) – O amor não vale a pena. Eu arrisquei tudo por causa dele.

RITA – Mas eu não queria vir para a Alemanha porque eu amava o Klaus.

MÃE JUDIA – Não ?

RITA – Não.

B – Mas então...?

RITA – Eu queria fugir do Brasil, porque eu não conseguia mais viver dignamente com o meu salário.

PAI JUDEU – O que você fazia lá.

RITA – Eu era um garota de programa.

MÃE JUDIA (*tapando a boca*) – Oh !

RITA – Vocês não perceberam isso ?

B – E veio parar aqui ? Só pode ser uma punição divina.

PAI JUDEU – Deus não aprecia o serviço que você presta.

RITA – Eu não podia ficar mais lá. O meu ex-noivo estava me ameaçando, me perseguindo. Conhecia uma colega que tinha sido vend...convidada pra vir pra Alemanha, me informei e conheci o Klaus.

B – São coisas difíceis de se entender.

(*Ouve-se uma sirene. B e Rita olham apreensivas para o pai judeu e para a mãe judia.*)

PAI JUDEU – Vou voltar rapidinho pro repartimento dos homens, se me pegam aqui...(*sai apressado*)

MÃE JUDIA (*calmamente*) – Chamada para o banho noturno.

B – Teremos que ir ?

MÃE JUDIA (*rindo*) – Só vai quem consegue ficha. Muito disputadas.

B – A senhora vai ?

MÃE JUDIA – E quem agüenta esse calor ?

(*Ouve-se a sirene*)

B – A senhora não tem medo ?

MÃE JUDIA – Medo ?

B – As câmaras...

MÃE JUDIA – Falam muito. Nunca fiquei sabendo de nada.

RITA (*para B*) – Não me assusta.

(*Mãe judia dá um abraço em Rita. Mãe judia dá um abraço em B. Mãe judia sorri para s duas e sai*)

RITA – E nós ?

B – Vamos esperar.

RITA – Aqui ?

2

Monte Alverne, RS. 2004.

AVÓ – Finalmente, eu não agüentava mais esperar ! Ele só pode ter alguma coisa contra mim, só pode. E o senhor vai ficar com essa cara amarrada até o final da cena ?

GOTTLIEB – Estou tão irritado quanto a senhora (*para si*) estava fácil demais, eu deveria ter percebido isso.

E – Ele puxa o nosso tapete com muita facilidade, porque tentar superar uma capacidade inexistente em nós ?

AVÓ – *Was soll denn das ?*

GOTTLIEB – Não pergunte para mim, sei tanto quanto a senhora. Estavam os dois na minha mira, os dois ! E agora (*aponta para o seu redor*) Isto !

AVÓ – *Wieso*, isto ? Mais respeito com a minha propriedade. Não fui eu quem convidou o senhor para estar aqui.

GOTTLIEB (*em voz baixa para si*) – Velha idiota.

AVÓ (*em voz baixa para si*) – Velho metido.

E (*rindo*) – Eu já estou achando graça de tudo isso, desta enorme brincadeira que uns graciosamente intitulam destino.

AVÓ – Então o senhor acha que foi o destino que nos colocou aqui frente à frente ?

E (*rindo*) – Se a senhora quiser (*olha para cima*) chamá-lo de destino ...(*respira fundo*) hum , *so eine frische Luft* !

AVÓ – Não é só o ar que é puro (*para Gottlieb*) tudo é melhor do que em Porto Alegre. Credo, não sei como é que conseguem viver naqueles caixotes, um em cima do outro, sem uma horta pra cuidar (*para E*) vou confiar na alface do supermercado ?

GOTTLIEB (*vai até a janela*) – Dachau devia ser tão bucólica como isso aqui.

AVÓ – Buco...o que ? Até parece a minha neta. (*Para E*) Eu tenho uma neta que também mora em Porto Alegre.

E – Eu disse que morava em Porto Alegre ?

AVÓ – Apesar destas roupas estranhas, tá na cara.

(*Gottlieb ri*)

E – O senhor está começando a achar graça da situação ? Obra do demiurgo.

AVÓ – Esse jeito empostado do senhor falar também mostra donde o senhor veio.

E – Eu também estou esperando encontrar uma determinada pessoa.

GOTTLIEB (*espantado*) – Mas então estamos os três na mesma situação ?

E – Aparentemente sim.

GOTTLIEB – Uma armação ?

E – Talvez.

AVÓ – Vocês conhecem a minha neta ?

E – Não.

GOTTLIEB (*ríspido*) – Não. (*Para E*) Nós fomos trazidos por alguém, propositadamente, para ficarmos afastados de Porto Alegre.

E – Ou juntos em Monte Alverne.

AVÓ – Tudo isso que vocês estão falando eu não entendo, só sei que amanhã chega a minha neta e eu não consegui preparar tudo o que eu tinha planejado porque eu acordei com os senhores aqui na minha casa e como eu sou uma pessoa educada, mesmo parecendo grossa, não quis mandá-los embora, mas eu vou pedir licença para fazer o que eu tenho que fazer.

E – A senhora sabe o que tem que fazer ?

(*A Avó olha para Gottlieb, depois para E*)

AVÓ – *Ich sollte Euch wegschicken*, mas eu deixarei vocês conversando enquanto eu preparo as minhas coisas.

GOTTLIEB – O único perdido aqui pareço ser eu.

AVÓ – Não poderão dormir aqui. Não tem cama.

(*A avó faz menção de se retirar*)

E – Ele não conhece a sua neta, mas ele conhece a sua filha.

(*A avó para e se vira para Gottlieb*)

GOTTLIEB – Conheço ?

E – Uma das professoras do curso de alemão.

AVÓ (*pausadamente*) – Foi para isso que o senhor veio até Monte Alverne ?

GOTTLIEB – Era eu quem deveria estar aqui ?

E – Se está é porque deveria.

AVÓ – Eu não falo mais com a minha filha já fazem vinte anos, o que ela quer de mim ?

GOTTLIEB – Sua filha...eu...não sei...eu estou apenas procurando pelo assassino dos meus pais, eu não sei nada sobre a sua filha...quem é a sua filha ?

AVÓ (*se deixa cair a uma mesa*) – Tanto tempo se passou. Ela vive. Ela vive. Ela vive.

GOTTLIEB – O que eu devo dizer a ela ?

E – Nada. Ninguém deve nada.

AVÓ – Uma criança, mas eu não podia agir de outra forma, porque existe uma moral e esta deve ser respeitada acima de tudo. Ela tinha que pagar pelo que fez, pela irresponsabilidade de ter...Anete não podia crescer num lar que...nem era um lar e nunca poderia ser...Anete cresceu feliz comigo e eu sei disso...minha filha deve ser mais inteligente agora, mais perspicaz, compreende as coisas, os erros...o que sai de mim, e se vai não volta, não deve voltar jamais...mesmo uma criança sabe quando age errado ou age certo, e ela sabia que estava dando um golpe nela mesma...

GOTTLIEB (*emocionado*) – Eu perdi meus dois pais na guerra, e sei que nunca mais vou poder revê-los. A senhora sabe a falta que um pai faz ?

AVÓ (*recompondo-se*) – Não, eu não vou parecer uma velha arrependida na única cena desta peça em que eu apareço. Não. Limpar o quarto da Anete, a cuca de maçã, a carne de porco eu já temperei, *spritzbier* ainda têm no porão. Falando nisso, os senhores aceitam um pouco ?

E - Eu adoraria (*levantando-se e oferecendo o braço para a avó.*). A senhora precisa de ajuda ?

(*E e a avó saem.*)

GOTTLIEB – *Papa ? Mama ? Wie soll ich Euch treffen ? (Deixa-se cair sobre a mesa)*

3

Königsberg. 1946.

A – Olhem a ironia : nem Porto Alegre, nem Heidelberg, nem Berlin. Königsberg !

ANETE – Alguém tem um cigarro aí ?

ORIENTADOR (*maravilhado, olhando pela janela*) – Eu nem consigo acreditar que estou aqui...

A – Você não percebe, seu imbecil, que estamos no ano 1946 ?

ORIENTADOR – Eu só percebo o que os meus sentidos me fazem perceber e isto significa um arrepio intenso da cabeça aos pés em imaginar que ele andou por estas ruas e estes prédios.

ANETE – Eu estou cansada de comer marzipã, não tem mais nada pra comer ?

A – O que eu estou fazendo no meio destes dois imbecis ? Eu devia estar morto, morto !

ANETE – Que baixo-astral, porque o senhor não come mais um pedacinho ? (*oferece marzipã para A*)

A – Número um, eu detesto marzipã, número dois, a Alemanha acaba de perder a guerra e nós estamos encurralados nesta cidade que nem Königsberg mais se chama, número três, eu devia estar morto (*olhando para os lados*) e a única forma de me matar aqui é me entupindo deste chocolate pastoso de amêndoas.

ORIENTADOR – Será que Kant já passou por esta rua aqui embaixo ?

A – Rua ? Isto são destroços de guerra, como é que o senhor distingue alguma rua aqui ?

ANETE – Gozado, ainda não tinha tido aula com o senhor. (*Examina A*) Por que o senhor foi parar em Porto Alegre ?

A (*nervoso*) – Hum...

ORIENTADOR – Kant era um senhor muito sóbrio e regrado, vocês sabiam disso ?

ANETE – Que assunto mais chato, esquece esse cara.

A (*nervoso*) – Algum de vocês dois já pensou como vamos fazer para sair daqui ? Como iremos atravessar a Polônia e a DDR e chegar na minha Alemanha ?

ORIENTADOR – Ninguém vai nos descobrir dentro desta loja de marzipã. A sua prima está sendo muito legal com a gente e não é ela que vai nos entregar pros russos. Eu não acredito que eles vão exterminar toda a população germânica da cidade.

ANETE – Basta um Hitler para a humanidade.

(*A olha apavorado para Anete*)

ANETE (*para A*) - Tem um cigarro ? Tô sem fumar e sem transar há dois dias.

(*A olha apavorado para o orientador*)

ORIENTADOR (*animado*) – Não seja por isto.

A – Tá a fim ?

(*O orientador olha incrédulo para A*)

ANETE – Ai, tá bom gente, eu nem conheço vocês direito, mas cada um tem suas necessidades.

(*O orientador se senta próximo de Anete*)

ORIENTADOR – Eu tive em Porto Alegre, mas não entendi nada o que as pessoas diziam. Ninguém fala alemão por lá.

ANETE – Eu tô aprendendo alemão. Podia ter aprendido com a minha vó quando criança, mas era preguiçosa. Agora quero recuperar.

ORIENTADOR – E como é que estamos conversando normalmente agora ?

(*O orientador e Anete se entreolham sem saber responder*)

ANETE – Tô pensando na minha vó que tá me esperando pro fim de semana e eu vim parar aqui nessa cidade com cheiro de peixe e marzipã.

ORIENTADOR – Eu nunca quis vir até aqui, me falavam muito mal de Kaliningrado.

A – Königsberg !

ANETE – Voltou com a corda toda.

A – Eu sou o único preocupado com a situação aqui, vocês ficam conversando deixando o tempo passar, mas não percebem que podemos morrer todos, eu, pelo menos. (*Para o orientador*) E você, por ser alemão, devia estar preocupado também. (*Para Anete*) e com essa tua cara, devia se preocupar também.

ANETE – Tô me lixando.

A – Postura cômoda.

ORIENTADOR – O senhor não pode condená-la, sendo o que é.

A – O que eu sou ? Um cidadão que lutou por um mundo mais justo, menos dependente do capital ?

ORIENTADOR – Uma luta que confundiu as coisas e acabou sendo condenada com justiça pela opinião mundial.

A – Fomos condenados porque perdemos, quem perde sempre é condenado.

ORIENTADOR – Existem atitudes que independem de vitória, a moral antecede a razão.

ANETE – Vocês querem parar com essa discussão idiota ? *Ihr sollt Ruhe machen.* (*para o orientador*) Vem comigo, vamos fazer o tempo passar de uma forma mais prazerosa.

(*Anete puxa o orientador para fora da sala*)

A – Preso numa loja de marzipã em Königsberg, tendo que agüentar uma puta e um filósofo. Esse dramaturgo inconsistente e comunista não perde por esperar.

Leer, Alemanha.2004.

ALEMÃO – *Leer.*

WILLI – Vazio ?

ALEMÃO – *Was ?*

C – Tô tonta.

WILLI (*para o alemão*) – *Leer ? (para C)* Tu já tinha ouvido falar de um lugar com esse nome ?

C – O velho quase me matou (*olhando para Willi*) , não ele ia me matar.

WILLI – Tu tá repetindo essa história desde que a gente chegou aqui.

C – Tu sabe o que tá acontecendo ?

ALEMÃO (*para C*) – *Wo ist Rita ?*

C (*para Willi*) – Quem ?

WILLI (*para C*) – Sei.

C – Quem é essa Rita ?

(*O alemão se levanta e sai resmungando*)

C – Quem é esse cara ? O que é que eu tô fazendo aqui ?

WILLI – A gente chegou num ponto complicado, são muitas histórias se entrelaçando e pra não deixar a coisa mais confusa eu só vou te dizer o seguinte : *carpe diem.*

C – Isso é um pesadelo, não é ?

WILLI – Olha, eu tô achando bem divertido, apesar de não ter a mínima idéia onde foi que me enfiaram. Será que Heidelberg é longe daqui ?

C – Tem água nessa casa ?

WILLI (*excitado*) – Deve ter água, cerveja, *Schnaps* e *Apfelsaft*, tudo o que a gente tem direito.

C (*melancólica*) – *Apfelsaft*, eu adoro suco de maçã...Tu sabe quem eu sou ?

WILLI – Professora de alemão.

(*C olha incrédula para Willi.*)

WILLI – Mas eu só sei isso. Mais não me foi permitido saber. Eu sou um filósofo, tudo a gente não tem como saber.

(C se levanta e olha ao seu redor. O alemão volta e se depara com C andando pelo apartamento)

ALEMÃO – *Wer bist du ?*

C – Eu ?

WILLI – Ele sabe tanto quanto tu. Tá procurando por uma brasileira chamada Rita que se corresponde com ele.

C – *Sollte ich Rita sein ?*

ALEMÃO - *Ich suche sie schon seit zwei Szenen.*

WILLI – Bela ironia destilada em alemão, tá aprendendo rapidinho.(*Para o alemão*) *Rita ist nicht hier, wir kennen keine Rita.*

C – Tu é professor também ?

WILLI – Não, eu tô aprendendo ainda. (*orgulhoso*) Quero fazer um doutorado na Alemanha.

C – Aqui na Alemanha ?

WILLI (*dando-se conta*) – Aqui. É, aqui. Eu tô na Alemanha !

C (*sentando-se*) – Não posso reclamar também. Fugi do velho enlouquecido. Cara, se tu visse o que era a demência do cara, queria me manter como refém pra se vingar dum outro professor que eu nem sei quem era...que merda aquilo...só por causa duma...

WILLI – *Wie weit ist Heidelberg ?*

C – O andar da carruagem tá tão enlouquecido que se eu fosse tu ficava aqui curtindo essa paz temporária e deixava qualquer plano de lado.

WILLI – Mas comigo não vai acontecer nada de ruim, afinal de contas eu sou um estudante de filosofia, eu não sou um personagem com defeitos nem máculas, até agora eu só passei bem nessa história, até pra Alemanha o cara me trouxe.

C – Quanto otimismo prum filósofo.

(*Willi olha desconfiado pra C*)

ALEMÃO – *Hallo, ich bin hier !*

C – Ai, a gente tinha se esquecido do coitado. Qual é o problema dele mesmo ?

WILLI – Tá procurando por uma tal de Rita. Uma puta que se vendeu. Tráfico de mulheres.

C – Uau, que pesado. E ele entende o que a gente tá falando ?

WILLI – Espero que não.

C – *Es tut uns Leid über Rita.*

(*O alemão dá de ombros*)

C – Se a gente não entendeu o que aconteceu conosco, imagina ele.

(*O alemão coloca três copos de cerveja na mesa. O alemão sai*)

WILLI – Ele é simpático. Tu também.

(*O alemão volta abrindo uma garrafa de cerveja.*)

C – O que é que nós vamos fazer agora ?

(*O alemão serve a cerveja nos copos*)

WILLI – Beber e esperar.

(*O alemão ergue o seu copo*)

ALEMÃO – *Prosit!*

(*Willi e C erguem os seus copos e se olham*)

5

Berlin. 2025.

DIRETOR TEATRAL – Seu filho duma puta, pelo menos teve culhão de me colocar na tua frente.

TEODORO – Se ainda não ficou claro pra populacha, redundo : eu sou o criador de tudo o que vocês estão vivendo, eu mudo o que eu quiser na hora em que eu bem entender.

DIRETOR TEATRAL – Isso ficou muito claro pra mim na última cena, palhaço.

(*Teodoro não consegue conter o riso*)

D – E eu faço o que no meio de vocês dois ?

TEODORO – Calma, não apressa a ação dramática, até parece que não conhece os fundamentos da dramaturgia....

DIRETOR TEATRAL – O que é que tu fez com a minha namorada, pegou pra ti de volta, comeu ela, matou ?

TEODORO (*cínico*) – Tanta crueldade não caberia em mim. (*sério*) Não, eu não a matei.

D – Não vai haver nenhuma aula de alemão, é isso ? Tudo é uma mera farsa pra encobrir...encobrir o que ?

TEODORO – Encobrir a vida, D.

D – D ?

TEODORO – É o teu nome. (*para Diretor teatral*) Já olhou pela janela ? Percebeu onde estamos ?

(*O diretor teatral e D vão até a janela*)

D – É o futuro.

TEODORO – Com tudo o que tem direito. Os detalhes eu prefiro deixar a cargo da criatividade do encenador...

DIRETOR TEATRAL – Vai debochar dos diretores também ? Tu acha que tu teria capacidade de montar aquele texto ? Te falta muita coisa, meu caro, pra chegar onde eu cheguei.

TEODORO – Isto foi há vinte e um anos atrás.

DIRETOR TEATRAL – O que ?

D – O cara é louco mesmo, olha aqui esse calendário. 2025 !

DIRETOR TEATRAL – Eu não quero estar em Berlim, eu não quero que se tenham passado vinte e cinco anos a minha revelia !

(*O diretor teatral esgana Teodoro*)

DIRETOR TEATRAL – Cadê a minha namorada ?

(*D afasta o diretor teatral de Teodoro*)

DIRETOR TEATRAL – Precisa dele pra te defender ?

TEODORO – Ele não é o teu cúmplice pra ficar só olhando, seria a ação mais natural de um personagem que vê uma pessoa esganando a outra. (*para D*) E além disso, o problema dele é bem outro, tá com a cabeça na namorada que trocou ele por um alemão.

D (*excitado*) – Ela tá aqui perto ?

TEODORO – Eu já te disse pra não te apressar, tudo tem um tempo certo.

DIRETOR TEATRAL (*cruzando os braços*) – E então ? O que foi feito de mim ?

TEODORO – Digamos que tu te tornaste um diretor constantemente medíocre nas escolhas artísticas.

DIRETOR TEATRAL – O que não muda muito em relação a tua opinião de intelectual fracassado de 2004.

TEODORO – Ganhou bastante dinheiro com produções que apelavam para o mau-gosto e a risada fácil.

DIRETOR TEATRAL (*para D*) – Muito bem. E o que mais.

TEODORO – Não contribuiu para o enriquecimento artístico e ideológico da humanidade.

DIRETOR TEATRAL (*aproximando-se de Teodoro*) – E os dois mortais que te escutam tão atentamente podem saber o que foi feito de ti, virtuoso condutor da verdade ?

(*Teodoro se afasta do diretor teatral rindo*)

D – E a Rita ?

TEODORO – A última cena dela foi...num campo de concentração.

D (*exaltado*) – O que ?

TEODORO – Calma, é ficção.

D (*partindo para cima de Teodoro*) – Ficção uma ova !

(*D acerta um soco no rosto de Teodoro*)

DIRETOR TEATRAL (*cínico*) – Pobre dramaturgo, como foi deixar que isso acontece a si próprio ?

TEODORO – Ossos do ofício. Materialização do sentimento da sociedade para conosco.

D – Essa palhaçada vai continuar até quando ?

TEODORO – Palhaçada ?

DIRETOR TEATRAL (*abraçando D pelo ombro*) – É melhor controlar tua raiva, ele é o dramaturgo.

D (*desvencilhando-se do diretor teatral*) – Que dramaturgo ! Fica brincando com a vida alheia, fazendo o que bem entende, espalhando sofrimento e dor pra tudo que é lado. Essa brincadeira tem que ter um fim.

(*D vai até Teodoro e levanta-o do chão.*)

TEODORO – Pensa bem o que tu vai fazer, professor de alemão letra d, o meu esfacelamento pode ser muito cruel pra todos vocês, vai terminar qualquer possibilidade de piedade e alegria, porque eu também sou responsável por isso, depois de mim é o caos.

(*D arrasta Teodoro até a janela.*)

DIRETOR TEATRAL (*preocupado, para D*) – Cara, ele tem razão, espera um pouco.

D – A gente cansou disso tudo.

TEODORO – Tem mais uma cena inteira com todos vocês, todos.

(*D tenta jogar Teodoro para fora da janela. O diretor teatral corre até D para evitar o crime*)

TEODORO – Morrer em Berlim, perfeito.

(*D tenta afastar o diretor teatral da janela enquanto empurra Teodoro para fora da janela*)

TEODORO – E ainda por cima feito uma Tosca. É mais uma citação muito intelectual no meu currículo ?

(*D consegue jogar Teodoro para fora da janela. D se afasta da janela. Pequena pausa.*)

DIRETOR TEATRAL – Não deu pra ouvir o barulho do corpo batendo no chão.

D – Pronto. Missão cumprida. Alguém tinha que bancar o Judas.

(*Pequena pausa*)

D – E pra que ?

DIRETOR TEATRAL – E agora ? Tu tá preparado pro que vem pela frente ?

Können

Ach Gott und Herr, wie gross und schwer

sind meine vielen Sünden.

Da ist niemand, der helfen kann,

in dieser Welt zu finden.

1

Na sala de um apartamento no bairro Floresta, em Porto Alegre.

(*Rita abrindo a porta da sua casa com uma chaleira de água quente na mão*)

RITA – Ai, desculpa, professor, essa chuva torrencial, vai entrando que eu tenho que colocar a água no bule (*afastando-se da porta*) eu preparei um chá pra nós, é especial, é de frutas, alemão, imaginei que tu estaria todo molhado.

(*D entra sem jeito, com o rosto coberto pelo capuz da capa de chuva*)

RITA (*sem olhar para D, derramando a água no bule*) – Tira a capa que eu já coloco no banheiro, ninguém tava contando com essa chuva, não é mesmo ? O cara da meteorologia falou em tempo nublado, mas não em chuva, eu fico possessa quando eles erram.

(*D enquanto Rita derrama a água no bule, tira a capa de chuva*)

RITA – Esse tempo tá muito maluco, uma hora faz sol, outra faz chuva...isso quando a gente não acaba viajando pelo...

(*Pequena pausa*)

RITA – Só um pouquinho, já tô terminan...do...deu. Pronto. Agora a gente pode começar essa aula de alemão.

(*D observa a movimentação de Rita*)

RITA – Açúcar ou adoç...cadê meu adoçante, droga, terminou (*virando-se para D*) tu não te importa...

(*D estica o braço com a capa para Rita*)

D – Tá pingando todo o teu chão.

RITA – Eu...eu tenho uma aula marcada...o professor deve estar chegando...

D – O professor de alemão sou eu.

(*Pequena pausa*)

D (*larga a capa no sofá. Sentando-se à mesa*) – Eu não tomo chá com adoçante, pode ser açúcar mesmo.

(*Rita continua imóvel*)

D (*sem olhar para Rita*) – Hoje a gente termina com os verbos modais, só falta um. Tu deves estar curiosa pra terminar essa lição, pelo menos os outros alunos ficam quando chega o final.

RITA – Quer que eu chame a polícia ?

D – Vou ser preso por estar realizando o meu trabalho ? (*Olhando para Rita*) Eu tenho um trabalho. Digno. Um trabalho que não está ligado a minha vida pessoal. Não costumo misturar as coisas. (*Para si*) A menos que venham me prender por causa daquele idiota...

RITA – O que é que tu já aprontou ?

D – Nada. Bobagem. Tem acontecido muita bobagem comigo nos últimos dias. Desde que eu comecei a dar aula de alemão. Desde que tu ...

RITA (*senta-se perto de D, apreensiva*) – Escuta...

D (*ríspido*) – Não, quem vai me escutar é tu. Tu tem idéia o que tem sido minha vida ?

RITA – Eu tenho medo de ti.

D – E eu tenho medo de qualquer coisa que me lembre a Alemanha. Só que a Alemanha tá (*apontando pra sua própria cabeça*) aqui dentro, e eu não tenho mais como tirá-la de mim.

RITA – Não me faz sentir culpada. Eu tinha que escolher entre morrer de fome e...

D – Isso é uma besteira o que tu tá dizendo. Tu não queria mais saber de mim.

RITA – Queria, queria, sim. Eu me arrependi.

D – Então pior do que isso, tu é um ser humano baixo, vil, escroto. Uma oportunista, uma sugadora de homens.

RITA – Não diz isso, tu não sabe o quanto eu sofri longe de ti...

D – E vai sofrer muito mais.

(*D vai até o fogão e pega uma caixa de fósforos . Acende um palito e coloca fogo no livro de alemão*)

D – *Ich kann´s*. Minha epopéia foi um aprendizado. Te agradeço.

RITA – Tu vai botar fogo na minha casa. Tu não pode fazer isso comigo. Eu sei que eu agi errado, mas tu tem que me dar uma outra chance. (*Agarra os braços de D*) Por favor, a gente pode ser feliz como a gente era antes !

D – Esse melodrama barato só vai estragar a nossa cena.

RITA – Não é uma cena, é real ! Eu tô sendo sincera contigo, eu ia te procurar, eu também já tava cheia do pesadelo que me meti.

D – Olha pro livro, Rita. Tá queimando feito a nossa história.

(*Rita tenta apagar o fogo com um pano de prato em vão de forma patética*)

D – Eu tenho pena de ti. Histórias de amor nunca acabam bem. Pelo menos na vida real.

(*Rita chora ao lado do livro queimando*)

D – O chá esfriou.

(*O telefone celular de D toca*)

D – Me dá licença ?

(*D se afasta de Rita. D atende o telefone*)

D – Oi. Que horas tu pega o ônibus pra Monte Alverne ? Chego aí em dez minutos. Te amo também.

(*D desliga o telefone*)

D – Me manda um cartão da Al...(*com deboche*) daquele país. Tu ainda tem meu endereço.

(*D sai. Rita percebe a capa de D no sofá. Rita pega a capa e corre até a porta. Rita pára antes de sair pela porta. Rita se deixa cair no chão agarrada na capa e chorando*)

2

Na sala de um apartamento no bairro Moinhos de vento, em Porto Alegre.

GOTTLIEB – Tinha parentes. Em Schöneberg.

A (*animado*) – Minha tia morava em Schöneberg.

GOTTLIEB – Esse *Kirschwasser* é da melhor qualidade. Se o senhor não prová-lo ficarei muito... (*escolhendo o termo apropriado*) *beleidigt*.

(*A toma um copinho de Kirchwasser de um só gole*)

GOTTLIEB – Pelo que vi o senhor gosta de relembrar o passado.

A – Nesta nossa idade (*constrangido*) eu digo na minha, o senhor é bem mais novo do que eu (*animado*) a gente vive praticamente das lembranças. (*Confessando*) Quando a memória não falha.

GOTTLIEB – O senhor tem quantos anos ?

A (*orgulhoso*) – Noventa e três. E muito bem vividos.

GOTTLIEB (*lentamente*) – Então o senhor passou pela guerra ?

A – Sim. Pelas duas. Na grande guerra eu era uma criança, um bebezinho. Eu sou de onze.

GOTTLIEB (*bebericando seu copinho de kirchwasser*) – E na segunda ?

A (*sério*) – Sim.

GOTTLIEB – *Wie, bitte ?*

A (*um pouco intrigado*) – Eu só não entendi uma coisa.

GOTTLIEB (*servindo mais Kirchwasser no copinho de A*) – Aceita mais um pouco ?

A (*recusando sem sucesso*) – Eu estou trabalhando, eu não devia...

GOTTLIEB – Aqui na minha casa se pode tudo. (*Olhando para A com sarcasmo discreto*) Eu costumo tratar os professores de alemão muito bem.

A – *Was kann ich dagegen ?* (*beberica do copinho*)

GOTTLIEB – Eu também atravessei a guerra.

(*A se engasga e cospe o líquido sobre Gottlieb . Gottlieb se levanta e bate com bastante força nas costas de A*)

A (*afastando Gottlieb*) – Está bem, não foi nada, *danke*.

GOTTLIEB (*intrigado*) – Por que o senhor não fala comigo em alemão, despreza o idioma por algum motivo particular ?

A (*nervoso*) – Não. Não desprezo não.

GOTTLIEB – Pensei que poderia ...

A (*brusco*) – Não há problema algum, se o senhor quiser podemos inclusive parar com o português neste instante, é mais didático inclusive.

GOTTLIEB (*com raiva contida*) – Os meus pais morreram na guerra.

(*A olha atônito para Gottlieb. Pequena pausa*)

GOTTLIEB – O senhor poderia ter passado maus bocados na guerra, afinal o senhor é alemão, não é ?

A – O que o senhor exatamente quer de mim ?

GOTTLIEB – Por que esta irritação ?

A – Quem é o senhor ?

GOTTLIEB (*irônico*) – Quem sabe uma música para descontrair ?

(*Gottlieb se levanta e coloca um Cd com música Klezmer*)

A – O senhor não é um aluno de alemão.

GOTTLIEB (*voltando e sentando-se*) – Não, e o senhor não é um professor de alemão.

(*A levanta-se e coloca a cadeira no lugar*)

GOTTLIEB – Mas a aula vai até às seis e meia...*Herr Komendant.*

(*A olha surpreso para Gottlieb*)

GOTTLIEB – Mais um *Kirschwasser* ?

(*Pequena pausa*)

GOTTLIEB – A música lhe incomoda ?

(*A senta-se*)

GOTTLIEB – Minha mãe morreu nos chuveiros. O meu pai...o meu pai eu não sei. Como eu sei disso ? Eles fizeram muitos amigos em Dachau. Um dos sobreviventes veio para o Brasil, veio aqui para Porto Alegre para onde eu tinha sido trazido pela minha tia, quando levaram meus pais. Quando vocês levaram os meus pais.

(*Pequena pausa*)

GOTTLIEB – Para que lembrar isso depois de tanto tempo ? Porque a minha memória não falha, ela nunca vai falhar, é uma pena.

A – O que pretende fazer comigo ?

GOTTLIEB – Primeiro eu pensei em torturá-lo, como o senhor deve ter feito com os meus pais. E com todos os outros, naturalmente. Mas depois eu pensei melhor, não valeria a pena eu sujar as minhas mãos com um covarde, iria terminar os meus dias na cadeia. Cheguei até a fazer uma pobre professora de alemão de refém. Eu estava aturdido. Tão descontrolado que fui parar numa cidadezinha do interior, nem sei como. Tendo ao meu lado um senhor com uma peruca estranha e uma velha, e acabei sendo colocado no meio de um drama familiar entre mães e filhas sem entender o que acontecia...enfim...o que nos interessa isso agora ?

A – *Rufen Sie bitte die Polizei mal an.*

GOTTLIEB – Ah, este é o homem que eu procurava. Finalmente.

A – *Ich kann es nicht mehr aushalten.*

GOTTLIEB – É esta tortura que eu quero, a psicológica. A consciência é o nosso maior inimigo, não existe meio algum de afastá-la de nós.

A – *Wo ist die Toilette ?*

GOTTLIEB– É ali, mas não adianta se trancar, guardei todas as chaves. Prevenção.

(*A sai de cena*)

GOTTLIEB - Nada vai acontecer diferentemente do que eu planejei, porque o senhor precisa ouvir tudo o que eu tenho para falar, mesmo sabendo que não haverá tempo suficiente no mundo para que a minha dor seja ressarcida.

(*Gottlieb se serve de Kirchwasser. Pensativo*)

GOTTLIEB – Por incrível que pareça, havia um oficial, um major, eu acho, já nem me lembro mais, que trazia cerejas para a minha mãe escondido. Ela gostava muito de cerejas. No dia em que ela morreu...ele chegou com as cerejas tarde demais...ele nem sabia que ela tinha sido levada...(*Gottlieb vê a carteira de A sobre a mesa*) Tudo bem, com o senhor ? (*Gottlieb vai até a carteira, abre-a com cuidado, e procura pela identidade de A*) O senhor precisa de ajuda ? Talvez o senhor conhecesse ele, oficial em Dachau, eram amigos, quem sabe ? (*Gottlieb encontra uma identidade*) O nome dele era Paul. (*Lê em voz alta o nome na identidade*) Paul. Paul ? Paul !

(*Ouve-se um tiro fora de cena*)

3

Na sala de um apartamento no bairro Jardim São Pedro, em Porto Alegre.

ANETE (*indo até a porta*) – Ah, merda, eu me esqueci de desmarcar a aula de alemão.

(*Anete abre a porta . B fica estarecida olhando para Anete.*)

ANETE – Oi, tu deve ser a professora, né ? Entra.

(*B entra e olha ao seu redor*)

ANETE – Tá uma bagunça (*rindo*) a minha casa é sempre bagunçada, minha vó ia surtar se visse a sujeira.

B – A tua vó mora contigo ?

ANETE (*estranhando a pergunta*) – Eu disse isso ?

B – Não, mas eu pensei...

ANETE – Ela é muito chata.

B – Chata ?

(*Anete não entende a reação de B*)

ANETE – Olha, eu tenho uma coisa muito chata pra te dizer.

B (*nervosa*) – Anete, eu não queria causar confusão...

ANETE – Como é que tu sabe o meu nome ?

B (*mais nervosa ainda*) – O teu nome...Anete, eu...

ANETE – Ah, é claro. Eles te dizem lá na escola.

B – Que escola ?

ANETE – Tu não é a professora de alemão ?

B (*Aliviada*) – Ah, claro.

ANETE – Tá tudo bem contigo ?

B – Mais ou menos, quer dizer, tudo bem...

ANETE – Acho até bom a gente não ter aula hoje porque tu tá me parecendo com a cabeça num outro lugar, não ia rolar legal.

B – Não vai ter aula ?

ANETE – Não. (*Indo terminar de colocar as roupas sobre o sofá dentro da bolsa de viagem*)
Me esqueci de desmarcar. (*Para e olha para B*) Tô indo visitar a minha vó.

B (*imediatamente*) – Me leva junto.

ANETE (*sem entender*) – O que ?

B – Eu quis dizer que eu gostaria de ir junto, Monte Alverne é um lugar muito pacato.

ANETE – Tu conhece Monte Alverne ?

B (*depois de uma breve hesitação*) – Já ouvi falar.

ANETE – Eu não disse que ia pra Monte Alverne.

B – Não ?

ANETE – Não.

(*Pequena pausa*)

ANETE – Tu pode ir.

B – Contigo ?

ANETE – Tu quer um copo d'água ? Tem cigarro também. Quem sabe um baseado ? Tu fuma baseado ?

B – Um cigarro tá legal. Eu quase nunca fumo, mas vou ter que aceitar.

ANETE – Eu disse que tu podia ir embora. Foi isso o que eu quis dizer.

(*Anete alcança um cigarro para B . B pega o cigarro. Anete acende o cigarro para B*)

ANETE – Eu vou terminar de arrumar aqui e o meu namorado tá vindo me pegar. Se quiser ficar aí, sem problema. Tu não vai fazer nada mesmo por causa da aula, né ? Pelo menos eles te pagam. Pelo menos isso. O que ia ser a aula de hoje ?

B – Hoje ? (*Traga o cigarro pela primeira vez*)

ANETE – Tu tá perturbada.

B – Tô ?

ANETE – Tá. Quer se abrir comigo ?

B (*tomando coragem*) – A minha filha.

(*Anete se senta e olha para B*)

B – Ela saiu de casa.

ANETE – Normal, todo mundo sai de casa um dia, é o mínimo que se espera.

B (*olhando para Anete*) – Ela engravidou de um cara e se mandou com ele. Os dois eram da juventude luterana. (*sorrindo*) Ela era a organista da igreja. Tocava Bach como poucos. (*séria*) Acho que eles vão se virar sozinhos. Tomara que sim.

(*Anete olha para B*)

B – Eu queria que ela ficasse comigo, eu queria dizer pra ela o quanto eu amo minha filha e que eu ia assumir essa gravidez junto com ela, porque eu sei como é difícil quando a gente é sozinha no mundo sem ter ninguém a quem recorrer.

(*Os olhos de Anete se enchem de lágrimas*)

B – Eu amo muito a minha filha. Amo de verdade. E tenho a sensação de tê-la perdido. Para sempre.

(*Anete deita a cabeça no colo de B e chora. B afaga os cabelos de Anete.*)

4

Na sala de um apartamento no bairro Higienópolis, em Porto Alegre.

E – Um velho senil, pedante, provinciano, turrão, metódico em demasia.

WILLI – Isto não me interessa. Eu pesquiso as idéias de Kant e não a sua vida pessoal.

E (*ofendido*) – Mas uma coisa está intimamente ligada à outra.

WILLI – De qualquer forma, eu vou para a Alemanha.

E – Ele nunca variava a rota dos seus percursos sabia disso ?

WILLI – Para um filósofo esquemático, nada mais normal.

E (*provocativo*) – Desdenhava as mulheres.

WILLI – Problema dele. Eu as adoro. Acabei de conhecer uma fascinante na última cena.

E – Como ?

WILLI – Esqueça, muito...metafísico.

E – Acredita que ele era professor de geografia sem ter jamais saído de Königsberg ?

WILLI – Júlio Verne também nunca foi ao centro da terra. A imaginação faz parte do ser humano, o que vemos depende da nossa consciência. Entende isso ?

(*E não consegue esconder um sorriso de satisfação*)

WILLI – Só falta ainda o ok do meu provável orientador.

E – Os alemães não entendem nada de Kant.

WILLI – Kant era um alemão.

E – Prussiano.

WILLI – Os prussianos não eram alemães ?

(*Pequena pausa*)

E – Discussão infrutífera.

WILLI – Concordo.

(*E se levanta*)

WILLI – Aonde o senhor vai ?

E – Terminou para mim.

WILLI – Terminou a aula ?

E – A aula. A peça. A minha participação nesta exuberância estética.

WILLI – Nós não podemos tomar este tipo de decisão. Kant mesmo dizia que...

E – Eu já cansei de ouvir o seu nome ser pronunciado. Já se tornou excessivo. (*De pé em frente a Willi*) Afinal o que se sabe sobre ele depois de tudo ? Nada.

WILLI – Kant é muito complexo, precisaríamos organizar um seminário para torná-lo compreensível.

E – Kant é um chato. É o que eu estou tentando lhe dizer desde o início.

WILLI – Desde o início o senhor quer me convencer a não estudar Kant, por que ?

E (*debruçando-se sobre Willi*) – O homem autônomo é aquele que cria o seu próprio universo com as suas próprias leis e alcança desta forma a maioria. Isto é liberdade.

(*E faz menção de sair. Para. Volta-se na direção de Willi*)

E – É hora de sacrificar nossos ídolos sagrados. Talvez tu precisas ir para a Alemanha para se dar conta disso. Não é por nada que o verbo *können* ficou para o final. *Können* é poder. Adeus. (*E vai sumindo na frente de Willi*)

WILLI (*depois de uma pausa longa*) – Não é preciso que o homem creia que ele é igual às bestas nem aos anjos, nem que ele ignore um ou outro, mas que ele saiba um e outro.

5

Na sala de um apartamento no bairro Navegantes, em Porto Alegre.

C – Isso tudo pra terminar assim, como se nada tivesse acontecido.

TEODORO – Nada ? Tu acha que essa peripécia geográfica Kantiana pelo tempo e pelo espaço não foi nada ?

C – Poderia ter sido bem mais fácil.

TEODORO – Tu me conhece muito bem pra saber que o fácil não me interessa.

(*Pequena pausa*)

C – A punição termina por aqui ?

(*Teodoro ri*)

C – Tu já tá satisfeito então ?

TEODORO – Eu te queria de volta.

C – Eu voltaria. Tu sabe que eu voltaria.

TEODORO – Não, eu não tinha certeza.

(*Teodoro e C se encaram por um longo tempo*)

C – É uma condenação ?

TEODORO – Faz parte do jogo. Eu também faço parte de tudo isso. Eu morri por ti.

C (*constrangida*) – Desculpa.

TEODORO – Morri, de verdade.

C (*olhando para Teodoro*) – Ainda dá tempo de me desculpar ?

(*Teodoro pega na mão de C*)

TEODORO – Eu exagerei, né ? Fui longe demais.

(*Teodoro se levanta e caminha ansioso pela sala*)

TEODORO – Chega um ponto que a gente precisa seguir a nossa própria consciência. Chega uma hora que ela é implacável em nos alertar que a gente não pode ser diferente do que se é. Isso é grego ?

C (*sorrindo*) – Mais parece alemão. Uma aula de filosofia em alemão.

TEODORO (*sorrindo*) – Isso era pra ser uma aula de alemão.

C – Viver é uma constante e intrincada aula de alemão.

(*Teodoro acha graça de C*)

C – Vamos começar a aula então ?

TEODORO – Me diz, eu sou muito mais interessante do que ele, não sou ?

(*C assente com a cabeça*)

TEODORO – Eu sou mais brilhante, mais criativo...mais...

C – Esquece ele. Ele nem existe mais pra nós.

TEODORO – Eu sei. Já tirei ele do nosso caminho. Foi bom tu ter me lembrado disso. Me deixa mais tranqüilo.

C – O verbo modal de hoje é *können*.

TEODORO – *Ich kann alles !*

C (*sorrindo*) – Essa tua petulância, teu convencimento, é isso que me...*kannst du mir einen Gefallen tun* ?

TEODORO – Claro, o que tu me pedir, qualquer coisa, tudo !

(*Pequena pausa*)

C – *Könntest du mir ein Kuss geben* ?

(*C e Teodoro se beijam*)

FIM